



Boletim de Notícias NS

NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org

#1131

17.11.2024 (135)

A. V. Schaerffenberg

Heróis desconhecidos da raça branca

Parte 4

William Joyce

Por vezes, pode ser necessário que um verdadeiro e vital defensor de uma causa nobre apareça como um traidor do próprio povo que serve com a sua vida."

Rudolf Hess, 1949

No 46º aniversário da sua morte, William Joyce vive de novo nos corações de todos os nacional-socialistas do mundo. Parece-nos, pois, oportuno recordar a sua história e as suas palavras eloquentes no início de um novo ano, para os leitores que não estão familiarizados com a coragem sem reservas de um he-



William Joyce

rói do século XX, no sentido mais puro desse título.

William Joyce nasceu de pai ulsteriano e mãe inglesa a 24 de abril de 1906, na cidade de Nova Iorque. Quando o rapaz tinha três anos, a família mudou-se para a Irlanda do Norte e, mais tarde, durante a adolescência, para Inglaterra. Aí, alistou-se no exército britânico, foi dispensado com honra e tornou-se um jovem acadêmico no Battersea Polytechnic, depois no Birbeck College da Universidade de Londres, obtendo honras de primeira classe no seu exame de licenciatura. Estava a trabalhar para o seu doutoramento e a ganhar a vida como tutor, quando a sua crescente consciência política o atraiu para uma das primeiras organizações fascistas britânicas. Agora com vinte e poucos anos, o aspeto físico de Joyce manter-se-ia inalterado para o resto da sua vida. De baixa estatura, mas robusto, o seu belo rosto tinha normalmente uma expressão de alegre domínio de si próprio, enquanto a boca e o queixo sugeriam uma vontade indomável. Mas os seus olhos brilhavam de curiosidade, inteligência e bondade. Casou com uma bela mulher, Margaret Cairns, que partilhava as suas convicções ideológicas e que, apesar de uma passagem difícil durante a Segunda Guerra Mundial, lhe foi fiel até ao fim e para além dele.

Joyce, a Oradora

De acordo com todos os relatos, William Joyce tinha uma memória fotográfica. No entanto, ao contrário de outros homens assim dotados, era ainda dotado de um maravilhoso talento dramático que fazia com que a sua abundante informação ganhasse vida para os seus ouvintes. Um amigo próximo recordava-o da seguinte forma: *Não mantinha ficheiros, diários ou notas de qualquer tipo, mas era capaz de contar, sem hesitação, quase tudo o que lhe tinha acontecido. Em intervalos de anos, repetia o mesmo relato sem a menor variação. Era capaz de citar, sempre com exatidão, qualquer poema que tivesse lido com atenção e até peças notáveis da imprensa.*"

Mesmo o biógrafo modesto e antipático de Joyce escreve sobre ele: *Para além do seu conhecimento de alemão, falava francês bastante bem e tinha algum italiano. Não só era bom em matemática, como tinha jeito para a ensinar, e lia muito em história, filosofia, teologia, psicologia, física e química teóricas, economia, direito, medicina, anatomia e fisiologia. Quando, em 1936, partiu a clavícula enquanto patinava, aplicou os seus conhecimentos de anatomia para a fixar ele próprio e manteve-a em posição através de cintas adequadas. Considerado pelos*

amigos e inimigos como um génio. William Joyce era a prova viva de que a nossa ideia atraía os melhores elementos da raça branca.

O seu amor pela Grã-Bretanha só foi suplantado pelo seu grande amor por essa raça. Porta-voz de grande poder de motivação e organizador sem rodeios, rapidamente se tornou uma figura de proa da *União Britânica de Fascistas e Nacional-Socialistas* de Oswald Mosley. Um contemporâneo descreveu-o como um *brilhante escritor, orador e expoente da política, que discursou em centenas de reuniões, sempre no seu melhor, revelando sempre o espírito de ferro do fascismo na sua recusa em ser intimidado por uma oposição violenta.*" Um deputado trabalhista descontente não ficou menos impressionado: *Conheci-o em 1933, numa grande e concorrida reunião em Paddington Baths. Tinha abandonado a carreira política com repugnância alguns anos antes e, como estava muito impressionado com o credo fascista, um amigo meu tinha-me instigado a juntar-me à organização de Mosley. Perguntei quem é que eles tinham para liderar ao lado de Mosley e fui levado à reunião de Joyces para obter uma resposta a esta pergunta. Ouvi todos estes homens que são considerados dos nossos maiores oradores. Dez minutos depois de este jovem de 28 anos ter subido à tribuna, percebi que estava perante um dos doze melhores oradores do país. O grande público que se reuniu para ouvir um orador desconhecido no mundo político e o entusiasmo criado abriram-me os olhos, e tê-lo-iam feito à maioria dos apoiantes de Westminster a quem eu tinha associado anteriormente a influência pública.*" Joyce foi indiscutivelmente um dos oradores mais comoventes da língua inglesa, sem comparação com os murmúrios frequentemente embriagados de Winston Churchill. O seu estilo era apelativo porque era direto e sucinto, como se pode ver neste excerto de discurso de 1936: *Se amas o teu país, és Nacional. Se amas o seu povo, és socialista. Sê um Nacional Socialista! "*

Os seus discursos fluentes e dramáticos poderiam ter sido justamente comparados com os do Dr. Josef Goebbels, e Joyce ter-se-ia orgulhado da comparação," escreve o seu biógrafo moderno. "Ao contrário de um político angariador de votos, ele não lisonjeava o seu público. Repreendia, ameaçava e avisava, e o seu apelo era para o trabalho árduo, a disciplina e a purificação nacional. Exortando a que a Grã-Bretanha cultivasse a amizade de Hitler e, assim, adquirisse como aliado contra a ameaça comunista a nação mais poderosa do continente, ele era tanto o comentador militar realista como o evangelista apaixonado. "

O Triunfo e a Crise do Fascismo Britânico

Em 1936, a União Britânica tinha-se tornado a força política mais dinâmica do Império, com dezenas de milhares de seguidores em centenas de manifestações de rua e um apoio feroz que se espalhava entre milhões de compatriotas britânicos desencantados com os fracassos sociais e as promessas ocas da democracia na Depressão. Os Camisas Negras defenderam-se com êxito dos ataques dos seus inimigos marxistas, normalmente mais numerosos e dissimulados, e Joyce esteve no centro da luta com paus e punhos. Num encontro quase mortal, um judeu atacou-o com uma navalha que lhe deixou uma cicatriz permanente na face direita. Apesar da oposição dos gangsters, os fascistas britânicos incorporaram a obediência estrita à lei inglesa como parte do seu programa, porque defendiam a civilização contra o caos. Apesar da sua conformidade com a legalidade e da postura totalmente defensiva dos seus Stormtroopers, o governo aplicou uma "Lei da Ordem Pública" no dia de Ano Novo de 1937. Proibiu o uso de "uniformes políticos", proibiu a presença de guardas nas reuniões, deu à polícia autoridade para interromper manifestações legais a seu critério e até proibiu o que as autoridades poderiam considerar "linguagem insultuosa" (ou seja, a verdade sobre os judeus). Como escreve Cole, a Lei da Ordem Pública *aplicava-se ostensivamente a todas as organizações políticas, mas atingia sobretudo, como se pretendia, os fascistas.* Na realidade, a natureza discricionária da lei foi usada apenas contra os camisas negras. Nenhum comunista ou parlamentar tinha nada a recear desta lei feita à medida. Ao recorrer a uma tirania aberta e unilateral, a democracia expôs-se como a fraude e a hipocrisia que realmente é.

Mesmo assim, a medida desesperada teve um efeito desastroso na União Britânica. Os Camisas Negras aperceberam-se de que o sistema jurídico que tinham defendido desde a sua criação, por uma questão de política, os tinha, de facto, banido. Confrontados com a única alternativa de passarem à clandestinidade ou de desaparecerem, tentaram optar por uma via intermédia. Como consequência, o seu Movimento fracturou-se. Desmoronando sob as crescentes pressões económicas resultantes de um esforço dispendioso e inútil para restabelecer a sua legalidade, a União Britânica demitiu William Joyce do seu posto no Movimento, juntamente com quatro quintos dos trabalhadores e funcionários da organização. Destemido, ele formou a Liga Nacional Socialista. Os uniformes eram ilegais, claro. "*Joyce, porém, com o seu casaco de trincheira e o seu cachecol, continuava a dar a impressão de ainda estar fardado,*" escreve Cole.

Com receio da lei sobre a ordem pública, os proprietários de salas de reunião recu-

saram-se a alugar-lhe os seus estabelecimentos. Recorrendo a comícios ao ar livre, o N.S.L. foi objeto das mesmas agressões físicas que anteriormente. Mas sem camisas negras uniformizadas para defender os oradores, as reuniões eram em grande parte desordenadas, não graças à polícia, que normalmente permitia que se desenvolvesse uma briga, só intervindo para prender os nacional-socialistas, quando estes levavam a melhor sobre os seus oponentes. As mesmas táticas desonrosas do Sistema Judeu seriam usadas contra as actividades do Poder Branco na América, trinta e quarenta anos mais tarde.

A sede da N.S.L. situava-se no número 190 da Vaux-hall Bridge Road, não muito longe da Victoria Station. Mas Joyce não pôde desfrutar dela durante muito tempo. Ele e os seus camaradas mais próximos foram acusados de agressão por se terem defendido, e estava a tornar-se óbvio que o Sistema pretendia colocá-los a todos atrás das grades. Nestas condições cada vez piores, o N.S.L. tinha tudo o que podia fazer para sobreviver. Mas o que faltava aos seus seguidores em dinheiro era mais do que compensado pelo fanatismo dos seus líderes e pelo poder da sua ideologia. As contribuições financeiras aumentaram de facto no final dos anos 30, juntamente com o número de aderentes. Nas vésperas da guerra contra Adolf Hitler, os nacional-socialistas britânicos mantinham-se firmes contra todas as probabilidades e até alargavam o seu apoio. Mas o N.S.L. estava prestes a ser esmagado pelos acontecimentos históricos.

O nascimento de "Lord Haw Haw"

Um telefonema de um camarada do Parlamento avisou Joyce de que a sua detenção ao abrigo da Lei dos Poderes de Emergência estava a poucos dias de acontecer. Ele não tinha infringido nenhuma lei. O governo apenas queria prendê-lo durante toda a guerra por causa das suas opiniões. Numa reunião improvisada de alguns camaradas do N.S.L., os membros votaram para que Joyce recebesse os fundos da organização para a sua fuga. No dia seguinte, ele e Margaret chegam a uma Berlim enganadoramente calma, vinte e quatro horas antes da declaração de guerra britânica à Alemanha nacional-socialista.

Sem contactos pessoais reais num país estrangeiro e com as finanças em declínio, a sua situação parecia desesperada até que, uma semana após a sua chegada, William foi aceite como radialista para transmissões em todo o mundo anglófono. Na altura, era praticamente desconhecido das autoridades alemãs, mas estas ficaram impressionadas com a sua eloquência e com o texto bem escrito que compunha.

Pouco tempo depois do início da guerra, "Lord Haw Haw" (termo depreciativo que lhe foi atribuído pelo Ministério da Informação da propaganda londrina) tornou-se uma das principais celebridades da rádio internacional. O estudo secreto da B.B.C. para o governo mostrou que Joyce tinha uma audiência de 24 milhões de pessoas só na Grã-Bretanha em 1941. O relatório confidencial concluía: *Cresce a sensação de que muitas das suas observações são verdadeiras.* Sem dúvida, as observações verdadeiras de Joyce desempenharam um papel importante no aumento da consciencialização do público sobre os judeus, particularmente no que diz respeito à sua responsabilidade pela guerra sem sentido entre duas nações brancas. De facto, o sentimento popular antijudaico, especialmente entre os trabalhadores fabris, continuou a aumentar durante as hostilidades (*Churchill's War*, David Irving, Veritas Publishers, Sydney, Austrália, 1990, página 233).

Joyce disse-lhes durante seis anos que a raça branca estava a cometer suicídio racial na guerra e que o nacional-socialismo era o único conceito capaz de salvar a sua civilização da catástrofe. O nacional-socialismo, *Independentemente de quem possa usar o termo ou sentir o espírito em primeiro lugar, deve surgir do solo e do povo ou não surge de todo. Não nasce de uma queixa temporária, mas do anseio revolucionário do povo de se libertar das correntes do materialismo democrático grosseiro e sórdido, sem ter de colocar os grilhões do materialismo marxista, que seria idêntico às correntes que se libertam. A questão diz respeito ao nosso povo britânico, que não pode ser impedido de partilhar um espírito de revolta que não está confinado a nenhuma nação. Por isso, em verdadeiro respeito pelo feito galante do líder alemão contra a finança judaica internacional e o seu outro eu - o comunismo judaico internacional - eu diria de bom grado, Heil Hitler!*

Explicou sem rodeios a razão que o levou a deixar a Inglaterra na véspera da guerra: *Se um inglês não pode lutar nas suas próprias ruas contra o domínio das finanças internacionais, seria melhor para ele ir para outro lugar e impedir por todos os meios ao seu alcance a vitória do seu governo. Porque a vitória de um tal governo seria uma derrota eterna para a sua raça. Os ingleses deveriam ter a oportunidade, que durante tanto tempo lhes foi negada, de usar o seu génio e o seu carácter na construção desse novo mundo para o qual Adolf Hitler mostrou o caminho. Nestes dias, pode ser presunçoso expressar esperanças ou crenças. No entanto, arrisco-me a fazê-lo: espero e acredito que, quando as chamas da guerra tiverem sido atravessadas, o povo comum de Inglaterra conhecerá novamente a sua alma e procurará no Nacional-Socialismo avançar no caminho do progresso humano em amizade com os seus irmãos de sangue alemão.*

Em maio de 1945, com as suas esperanças mas não com as suas convicções destruídas, Joyce, desarmado e sem oferecer resistência, foi baleado por um judeu do exército britânico ocupante. Dolorosamente ferido, foi feito prisioneiro com Margaret e levado para Londres, onde foi julgado por alta traição. O caso contra ele era extremamente frágil, quanto mais não fosse porque nem sequer era cidadão britânico e nenhum tribunal inglês tinha qualquer direito legal, como todos os advogados sabiam, de o julgar. Além disso, em todas as transcrições do governo das suas centenas de emissões a partir do Terceiro Reich, a acusação não conseguiu encontrar uma única palavra contra o povo britânico. O seu ódio tinha sido dirigido inteiramente contra figuras públicas como Winston Churchill, *o primeiro judeu honrado do mundo.*"

A sua melhor hora

Na sua breve declaração ao tribunal, Joyce não pediu desculpa pelos seus actos, não demonstrou arrependimento para angariar simpatia e não fugiu à sua responsabilidade: *Eu, William Joyce, deixei Inglaterra porque não quis lutar pelos judeus contra Adolf Hitler e o nacional-socialismo. Deixei a Inglaterra porque pensei que uma vitória que preservasse as condições existentes seria mais prejudicial para a Grã-Bretanha do que uma derrota.*"Tendo em conta o tempo e as circunstâncias em que estas palavras foram proferidas, sublinha-se a coragem e o desafio emocionante do homem.

Pouco tempo depois do início do julgamento, o procurador preocupou-se confidencialmente com o seu assistente principal: *Temos alguma hipótese?*"Morgan respondeu: "Não, não creio que tenham - a não ser que o juiz esteja preparado para fazer uma nova lei,"relatou Cole: *Nessa noite, dizia-se que algumas pessoas estavam a oferecer probabilidades de 6-4 de que Joyce fosse absolvido.*"Mas havia outras forças, para além das legais, a trabalhar contra William Joyce. Os seus advogados de defesa foram ameaçados de assassinio e o editor do *Daily Telegraph* fez uma declaração espantosa que foi ao cerne do julgamento de Joyce: *O caso entrará para a história jurídica por estabelecer pela primeira vez certas condições sob as quais um estrangeiro pode ser condenado por traição.*"Essas "certas condições" se aplicavam a qualquer um corajoso o suficiente para dizer a verdade sobre os judeus.

Uma indicação do que estava reservado para o tom nacional-socialista foi o destino de um camarada britânico, John Amery. Foi condenado à morte num julgamen-

to que durou oito minutos, um recorde que teria impressionado até os juízes de enforcamento de Joe Estaline. Como até o seu biógrafo moderno escreve sobre o dia de Joyce no tribunal, *ã tensão do julgamento foi sentida muito para além da sala de audiências porque, como qualquer pessoa que estivesse em Londres na altura se lembrará, o público estava ansioso em relação à justiça britânica, não por medo de que um homem pudesse ser condenado injustamente, mas pela preocupação de que se descobrisse que ele não tinha infringido a lei, o que os privaria da sua vingança.*"

Quando o inevitável aconteceu, escreveu à sua mulher, confinada numa prisão separada: *Bem, fiz o meu melhor pelo meu velho chefe (Dr. Goebbels). Quando olho para trás, para todo aquele período (do julgamento), vejo que sou o objeto do embuste mais flagrante da história da 'Justiça Britânica'. Bem, que assim seja, estou ainda mais orgulhoso. Na morte, como nesta vida, desafio os judeus que causaram esta última guerra. E desafio o poder das Trevas que eles representam. Que a Grã-Bretanha volte a ser grande. E na hora de maior perigo para o Ocidente, que o estandarte do Hakenkreuz se erga do pó, coroado com as palavras históricas, 'Ihr habt doch gesiegt!'"(Afinal venceste!," lema dos camaradas que tomaram no Putsch de Munique de 9 de novembro de 1923). Tenho orgulho em morrer pelos meus ideais e lamento pelos filhos da Grã-Bretanha que morreram sem saber porquê."*

Morte e Transfiguração

Um amigo recordou o estado pessoal de Joyce na fase final. *"Nos seus últimos dias, embora de perfeita saúde, o seu corpo parecia espiritualizado e sem aquilo a que se chamaria palidez, a sua carne parecia ter uma qualidade quase transparente. Estar com ele dava uma sensação de paz interior, como se estivesse numa igreja tranquila."*

A sua última carta a Margaret reflectia a sua compostura masculina: *Esta noite, quero finalmente organizar os meus pensamentos. A atmosfera de paz é forte em mim, e sei que tudo está pronto para esta transição. Cada dia que passa estás mais bonita. E isso é um grande mérito teu, apesar da tensão recente. Mas, como eu sempre disse, a criação conta. E contará no futuro, por mais podre que o mundo esteja atualmente, À medida que me aproximo do Limite do Além, a minha confiança na vitória final aumenta. Não sei como será alcançada. Mas nunca me senti menos inclinado ao pessimismo, embora a Europa e este país tenham provavel-*

mente de sofrer terrivelmente antes da reivindicação dos nossos ideais, dou com prazer e orgulho o exemplo que o meu velho chefe exige. Wir haben doch gesiegt! Eu saúdo-te, Freja, como teu amante para sempre, Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil! A vossa vontade."

Na manhã de 3 de janeiro de 1946, William Joyce foi executado.

Todas as citações e fontes foram retiradas de *Lord Haw Haw e William Joyce, The Full Story*, de John Alfred Cole, Farrar & Strauss, Nova Iorque, 1964

